

Bullying nas escolas: uma proposta de intervenção

Sheila Lucas Só

**Monografia apresentada como exigência para o Curso de Especialização
em Psicologia Escolar, sob a orientação da
Prof^a. Ma. Vivien Rose Böck**

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Porto Alegre, Dezembro de 2010.**

*“Precisamos contribuir para criar a escola
que é aventura, que marcha, que não tem medo do
risco, por isso que recusa o imobilismo.
A escola em que se pensa, em que se atua, em que se cria,
em que se ama, se adivinha, a escola que
apaixonadamente diz sim à vida”.*

Paulo Freire

AGRADECIMENTOS

À professora Vivien Rose Böck, pela sua dedicação e solicitude na orientação, contribuindo de forma efetiva e afetiva ao longo da realização deste trabalho.

Ao meu companheiro de todas as horas,
Francisco Carlos Ruschel, pelo carinho e incentivo em prol do meu aprimoramento pessoal e profissional.

À minha querida mãe e irmã, por entender e acolher meus momentos de recolhimento para a elaboração deste trabalho.

Sumário

| | Pág. |
|---|------|
| Resumo..... | 05 |
| Capítulo I | |
| Introdução..... | 06 |
| 1.1. A violência como um reflexo da modernidade..... | 06 |
| 1.2. <i>Bullying</i> | 07 |
| 1.3. O fenômeno <i>bullying</i> : suas causas e conseqüências..... | 08 |
| 1.4. O <i>bullying</i> e seus autores: caracterização das vítimas e dos agressores..... | 09 |
| 1.5. As pesquisas do fenômeno no Brasil..... | 10 |
| 1.6. A legislação <i>antibullying</i> | 12 |
| 1.7. O papel da família e da escola: desafios à educação..... | 12 |
| Capítulo II | |
| Proposta de Intervenção..... | 14 |
| 2.1. Encontro com os professores e equipe diretiva..... | 14 |
| 2.2. Encontro com os pais..... | 15 |
| 2.3. Encontros com os alunos..... | 16 |
| Capítulo III | |
| Avaliação..... | 24 |
| Capítulo IV | |
| Considerações Finais..... | 25 |
| Referências | 26 |
| Anexos | |
| Anexo A - Violência nas escolas: <i>bullying</i> | 28 |
| Anexo B – Lei Municipal nº 10.866..... | 30 |
| Anexo C – Questionário de pesquisa..... | 33 |

Resumo

O presente trabalho objetiva apresentar propostas de intervenção sobre a violência escolar e de como o *bullying* ocorre neste contexto. Para isso, apresenta uma análise sobre a violência escolar, em seguida aborda o fenômeno *bullying* como um conflito global e crescente na sociedade, discorrendo também sobre as formas de manifestação, suas causas, conseqüências e dados estatísticos da prevalência do fenômeno no Brasil. Apresentam-se ainda, a caracterização das vítimas e dos agressores, bem como os papéis da escola e da família, estudados por alguns autores para envolver os dois sistemas. Por fim, sugerem-se propostas de intervenção para esse comportamento agressivo que pode vir a afetar a auto-estima e a saúde emocional dos adolescentes para uma vida escolar e social mais saudável, a partir de dinâmicas sistematizadas pelo Serviço de Orientação Educacional a alunos da 7ª e 8ª série do Ensino Fundamental, bem como também para pais e professores deste público-alvo em foco.

Palavras chaves: Violência, bullying, escola, família, intervenção.

Capítulo I

Introdução

1.1 A violência como um reflexo da modernidade

Violência, agressividade e comportamento anti-social são importantes temas de reflexão e debates nos dias atuais, especialmente quando estão presentes no ambiente escolar, além de representar um problema de saúde pública importante, com conseqüências individuais e sociais, especialmente no grupo de jovens (Lopes Neto, 2005).

Educadores e instituições de ensino deparam-se com situações onde tais comportamentos acontecem cotidianamente.

A violência escolar é questão que requer um olhar atento dos profissionais da educação, entretanto, quando a tratamos, visualizamos apenas uma série de situações nas quais os educandos trocam chutes, se ferem, se batem, quebram pertences. Na realidade, a violência é bem mais ampla e se manifesta nos relacionamentos educativos, no processo de ensino-aprendizagem ou até mesmo no currículo escolar (Cezar e Neta, 2008).

Nos últimos anos, segundo D'Aurea e Paula (2009, p. 343) “casos de violência ocorridos nas escolas têm sido cada vez mais recorrentes, chamando a atenção da opinião pública, dos profissionais da educação e de pesquisadores.” Nesse cenário, visualizamos trocas de xingamentos, palavrões, desrespeito com o material alheio, depredação do patrimônio escolar, ameaças dirigidas a professores e agressões físicas entre alunos, etc.

As causas podem ser várias, desde as sociais, tais como a vigência de políticas públicas de exclusão social que não oportunizam acesso a uma educação de qualidade e trabalho digno, até causas psicológicas que convertem a baixa auto-estima em respostas anti-sociais que se apresentam como única alternativa de sobrevivência, aceitação e de auto-afirmação.

A escola, enquanto instituição social é um espaço onde todas as diferenças se encontram e nesse sentido também um local permanente de conflitos, pelas inúmeras formas de educação e valores distintos como os familiares, culturais, étnicos, religiosos,

entre outros, e cujo direcionamento acaba por certo no ambiente escolar. (D'Aurea & Paula, 2009).

Aprender a lidar com as diferenças, trabalhar posturas e ações para solucionar conflitos deve ser parte do aprendizado e neste sentido, minimizar o crescimento da violência escolar.

1.2. *Bullying*

No âmbito escolar, são diversas as manifestações de violência: algumas são direcionadas a professores e a funcionários; outras, a alunos. No entanto, a análise que se pretende realizar é a respeito da violência que é silenciada pelo medo e que se convencionou chamar de *bullying*, denominação inglesa que é utilizada para qualificar comportamentos agressivos, manifestados na escola e realizados de maneira recorrente e intencional por parte dos agressores (Silva, 2010), através de agressões físicas ou psicológicas como chutar, empurrar, apelidar, discriminar e excluir, que ocorre entre colegas sem motivação aparente e com uma reincidência significativa.

Existem dois tipos de ações de *bullying*, segundo Lopes Neto e Saavedra (2003, p.18): “ações diretas: subdivididas em físicas (bater, chutar, tomar pertences) e verbais (apelidos, insultos, atitudes preconceituosas). E as ações indiretas (ou emocionais): relacionam-se com a disseminação de histórias desagradáveis, indecentes ou pressões sobre outros, para que a pessoa seja discriminada e excluída de seu grupo social”.

Felizardo (2007) define *bullying* como “toda forma de agressão, física ou verbal, exercida de maneira contínua, sem motivo aparente, causando conseqüências que vão do âmbito emocional até na aprendizagem”. A incidência desse fenômeno tem sido problema cada vez mais presente dentro das escolas (Colovini e Costa, 2006) sejam públicas ou privadas, podendo trazer conseqüências negativas para o aluno, demonstrando, com isso, que intervenções no sentido de coibi-lo devem ser efetivas.

De acordo com Lopes Neto (2005), uma nova forma de *bullying*, conhecida como *cyberbullying* vem sendo observada com uma freqüência, cada vez maior no mundo, como recurso para a adoção de comportamentos deliberados, repetidos e hostis, de um indivíduo ou grupo, que pretende causar danos a outros.

Esta nova tecnologia vem sendo utilizada através da internet, por meio de e-mails ameaçadores, mensagens negativas em sites de relacionamento e torpedos com fotos e textos constrangedores para a vítima (Nova Escola, 2010).

No Brasil vem aumentando consideravelmente o número de casos de violência desse tipo, porque os jovens vêm usando cada vez mais essa ferramenta, com a possibilidade do agressor agir sem ser identificado, através da criação de um perfil falso no Orkut ou uma conta fictícia de e-mail, ou ainda apropriar-se de uma senha de outra pessoa (Nova escola, 2010). De acordo com Silva (2010) “é um reflexo perfeito dessa cultura embasada na insensibilidade interpessoal e na total ausência de responsabilidade e solidariedade coletiva.”

1.3. O fenômeno bullying: suas causas e consequências

As causas do *bullying* podem residir nos modelos educativos a que são expostas as crianças, na ausência de valores, de limites, de regras de convivência; em receber punição ou castigo através de violência ou intimidação e a aprender a resolver os problemas e as dificuldades com a violência.

Oliveira e Antonio (2006) expressam que o *bullying* se dá a partir de ações discriminatórias e práticas frequentes de violência no cotidiano escolar, tratando-se de um tipo de exclusão social capaz de oprimir, intimidar e machucar aos poucos, sem nunca ser declarada de fato.

Segundo Fante (2005, p.16) “na maioria das vezes as vítimas sofrem caladas por vergonha de se exporem ou por medo de represálias dos seus agressores, tornando-se reféns de emoções traumáticas destrutivas, como medo, insegurança, raiva, pensamentos de vingança e de suicídio, além de fobias sociais e outras reações que impedem seu bom desenvolvimento escolar.”

Nas escolas é um fenômeno complexo, muitas vezes banalizado ou confundido com agressão e indisciplina e que podem estar associados a fatores econômicos, sociais, culturais, aspectos inatos de comportamento e influências familiares, de amigos, da escola e da comunidade (Lopes Neto, 2005; Chalita, 2008).

As consequências para os alvos desse fenômeno crescente no mundo todo podem ser depressão, angústia, baixa autoestima, estresse, evasão escolar, atitudes de autoflagelação e suicídio, enquanto os autores dessa prática podem adotar comportamentos de risco, atitudes delinquentes ou tornar-se alvos violentos (Lopes Neto, 2005).

Para as crianças que sofrem de *bullying* uma das conseqüências poderá ser a de crescer com sentimentos negativos, especialmente com baixa autoestima, tornando-se adultos com sérios problemas de relacionamento, afirma Ballone (2005).

De acordo com Fante (2002), muitas vítimas passam a ter baixo desempenho escolar, apresentam queda no rendimento escolar, déficit de concentração, prejuízos no processo de aprendizagem, resistem ou recusam-se a ir para a escola, trocam de colégios com freqüência ou abandonam os estudos.

Além dos praticantes de *bullying* escolherem um aluno-alvo que se encontra em franca desigualdade de poder, geralmente este também já apresenta uma baixa autoestima (Silva, 2010). A autora reforça a idéia de que a prática de *bullying* agrava o problema preexistente, pois a escolha do aluno-alvo geralmente é a partir de uma desigualdade existente, e por conseqüência esse já apresenta uma baixa autoestima.

Para aqueles que praticam o *bullying*, ocorre o distanciamento e falta aos objetivos escolares, a supervalorização da violência como forma de obtenção de poder, o desenvolvimento de habilidades para futuras condutas delitosas, além da projeção de condutas violentas na vida adulta. Para os espectadores, que é a maioria dos alunos, estes podem sentir insegurança, ansiedade, medo e estresse, comprometendo o seu processo socioeducacional (Fante, 2005).

1.4. O bullying e seus autores: caracterização das vítimas e dos agressores

As crianças e adolescentes podem ser identificados como vítimas, agressores ou testemunhas de acordo com seu posicionamento frente a situações de *bullying*. Há autores que fazem referência à função do *bullying* para aquele que o pratica. Segundo Lopes Neto (2005), sua função “é a realização da afirmação de poder interpessoal por meio da agressão”, o que vai ao encontro do que Martins (2005) defende, “que autores do *bullying* costumam agir com dois objetivos: primeiro, para demonstrar poder, e segundo para conseguir uma afiliação junto a outros colegas”. Há também para Fante e Lopes Neto(2005), a diferenciação de papéis. Assim haveria os intimidadores (líderes ou seguidores), as vítimas (passivas, agressivas provocadoras e vítimas que também intimidam os outros) e os não participantes (os que reforçam a intimidação, os que participam ativamente dela e que poderiam entrar na categoria de intimidadores seguidores, aqueles que apenas observam e os que defendem o colega ou buscam por ajuda).

A maior incidência do *bullying* ainda é observada em meninos no papel de agressores e vítimas e de forma indireta; através das meninas, dificulta o reconhecimento da agressão. (Lopes Neto, 2005). A violência física é a forma que mais chama a atenção, porque é evidente e explícita e também porque tem conseqüências graves mais imediatas. Este é um dos motivos pelos quais se torna difícil identificar episódio de *bullying* entre as meninas, que também ocorre e se caracteriza, principalmente, como prática de exclusão e difamação (ABRAPIA, 2005).

Silva (2010) identifica três tipos de envolvidos: as vítimas, os agressores, ou bullies, e os espectadores. Assim, as vítimas podem estar caracterizadas como aqueles alunos que possuem dificuldade na socialização ou que podem desencadear nos colegas reações agressivas contra si mesmas. Os agressores podem ser de ambos os sexos e possuem na sua personalidade traços de desrespeito e maldade, como também um poder de liderança, reforçado através da força física ou do assédio psicológico e por último os agressores que são aqueles que testemunham as ações dos agressores contra as vítimas, sem qualquer atitude em relação aos fatos.

Seja qual for a atuação de cada aluno, independente das terminologias para a caracterização dos envolvidos, constata-se que quando não há intervenções efetivas contra o *bullying*, o ambiente escolar torna-se contaminado. Todos os alunos são afetados negativamente, sem exceção, passando a experimentar sentimentos de ansiedade e medo (ABRAPIA, 2005). Assim como identificar os alunos que são vítimas, agressores ou espectadores é de suma importância para que a escola e a família possam elaborar estratégias e traçar ações efetivas contra o *bullying* (Silva, 2005).

1.5. As pesquisas do fenômeno no Brasil

No Brasil, os primeiros livros e trabalhos acadêmicos começaram a surgir a partir de 2000 (Lopes Neto e Saavedra, 2003; Constantini, 2004; Fante, 2005), como resultado de programas *antibullying*.

Devido ao elevado índice de casos de violência escolar, o tema tem sido objeto de estudo por pesquisadores também de Brasília e com mais destaque a partir de 2002, devido à criação do observatório de violências nas escolas – Brasil, numa parceria entre a UNESCO e a Universidade Católica de Brasília (UCB) (Abramovay et.al., 2004)

A Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (ABRAPIA, 2005, Lopes Neto, 2005) realizou um estudo no Rio de

Janeiro, com 5.875 estudantes de 5^a a 8^a séries de onze escolas fluminenses, revelando que 40,5% dos entrevistados confessaram o envolvimento direto em atos como humilhação em função de deficiências físicas, obesidade ou cor de pele, que ocasionam seqüelas emocionais nas vítimas e contribuem para que não atinjam plenamente seu desenvolvimento emocional. Como efeito, observa-se a redução do rendimento escolar e a conseqüência mais nefasta: a vítima de *bullying* pode se tornar agressiva ou até mesmo passar a reproduzir essas práticas horríveis contra as pessoas e a sua dignidade (Chalita, 2007).

Conforme Lopes Neto (2005), o programa objetiva investigar as características desses atos e sistematizar estratégias de intervenção capazes de prevenir sua ocorrência.

Para a ABRAPIA (2005), as razões para explicar o fenômeno são as mais diversas: famílias desestruturadas, com relações afetivas de baixa qualidade, onde a criança ou adolescente representa a razão para todos os problemas podendo vir a ser autores ou alvos de bullying.

Outra iniciativa brasileira que merece destaque é o “Programa Educar para a Paz”, que tem como objetivos diagnosticar o fenômeno *bullying* e aplicar estratégias psicopedagógicas para combatê-lo. É um programa que se baseia em referenciais teóricos, como os valores humanos da tolerância e da solidariedade, apresentando um esquema psicodinâmico de duas etapas gerais: etapa A: conhecimento da realidade escolar e etapa B: modificação da realidade escolar. Cada uma dessas etapas apresenta vários passos e estratégias (Fante, 2005).

Há, ainda, os programas realizados por Marta Canfield e colaboradores, no ano de 1997, em escolas de ensino público de Santa Maria (Rio Grande do Sul), e por Isabel Figueira e Carlos Neto, em 2000/2001, que diagnosticou o *bullying* em duas escolas municipais do Rio de Janeiro (ABRAPIA, 2005).

1.6. A legislação *antibullying*

No Rio Grande do Sul, na cidade de Porto Alegre, foi sancionada, no dia 26 de março de 2010, a lei municipal nº 10.866, para o desenvolvimento da política *antibullying* por instituições de ensino e de educação infantil, públicas e privadas (Diário Oficial de Porto Alegre, de 29/03/2010). O vereador Mauro Zacher, autor da lei, busca reduzir a prática de violência dentro e fora das escolas, tendo em vista contribuir

para o desempenho discente, assim como promover a cidadania e o respeito nos espaços educacionais.

Outras ações se fizeram presentes também, através da Assembléia Legislativa gaúcha que aprovou, no dia 25 de maio, por unanimidade, a lei número 13.474 (Correio do Povo, 01/07/2010) que prevê políticas públicas contra o *bullying* nas escolas privadas ou públicas, de ensino básico e de educação infantil, de autoria do deputado Adroaldo Loureiro. O texto aprovado permite que as escolas documentem a incidência e a natureza das ações de *bullying*, com a identificação dos agressores. Além de planos de prevenção e combate às práticas de intimidação física e psicológica, as unidades de ensino também devem treinar professores e funcionários para abordagens de caráter preventivo.

1.7. O papel da família e da escola: desafios à educação

Tem-se por princípios que norteiam e formam o caráter do ser humano aqueles conhecidos em sua personalidade desde a infância. Para isto escola e família, que são pilares essenciais na construção de valores, devem possuir uma responsabilidade vital para o desenvolvimento do educando.

Para Cury (2003), “o diálogo é a ferramenta educacional insubstituível. Deve haver autoridade na relação pai-filho e professor-aluno, mas a verdadeira autoridade é conquistada com inteligência e amor”.

Outra atitude importante dos pais é a de preocuparem-se com as atitudes e os exemplos e participar da vida social e escolar dos filhos, pois uma família equilibrada tende a gerar filhos equilibrados (Chalita, 2008).

Segundo Lopes Neto (2003) “todos devem estar de acordo com o compromisso de que o *bullying* não será mais tolerado. As estratégias devem ser definidas em cada escola, observando-se as suas características e as da sua população. O incentivo ao protagonismo dos alunos, permitindo sua participação nas decisões e no desenvolvimento do projeto é uma garantia de maior sucesso”.

O educador é um profissional que pode interagir na prevenção e resolução dos problemas ocasionados na escola. Observar com atenção o comportamento dos alunos deve ser o primeiro passo, dentro e fora de sala de aula e perceber se há deficiências individuais no rendimento escolar. Incentivar a solidariedade, a generosidade e o

respeito às diferenças, através de conversas, trabalhos didáticos e até de campanhas de incentivo à paz e à tolerância (Tiba, 2002).

As estratégias que têm mostrado maior eficácia são aquelas que visam à conscientização dos profissionais e dos pais quanto à existência do problema; treinamento de professores de como agir diante desta situação (Fante, 2005, Barros, 2008).

Segundo Freire (1996, p.17), “faz parte igualmente do pensar certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação. A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano que nega radicalmente a democracia”.

A escola junto com a família têm a missão de proporcionar aos educandos um ambiente rico em harmonia, que contribua na formação de seres humanos autênticos, participativos, com elevada auto-estima, pois assim estarão formando pessoas que se amam, que se cuidam, que se aceitam, se respeitam e se fazem respeitar, se sentem seguras de si, reconhecem seus valores e virtudes, assim como suas limitações.

Dada a complexidade do problema e os comprometimentos advindos dessa forma de violência, tanto para o espaço educativo quanto, principalmente, para muitos alunos nele inseridos, apresenta-se uma proposta de intervenção a ser desenvolvida envolvendo pais, professores e alunos da 7ª e 8ª série do ensino fundamental. Sabe-se que mudanças não ocorrerão num curto espaço de tempo, mas o objetivo maior é poder colaborar para a formação de uma nova mentalidade, promotora da paz entre aqueles que estão inseridos naquele sistema que é a escola.

Capítulo II

Proposta de intervenção

Para combatermos a violência no efeito, de modo preventivo, de acordo com Fante (2005), é preciso agir de modo planejado e bem estruturado por todos os integrantes do âmbito escolar. Assim sendo, apresenta-se uma proposta de intervenção a ser desenvolvida em escolas que ofereçam o ensino fundamental a alunos de 7ª e 8ª séries, tendo em vista trabalhar estratégias de enfrentamento dessa violência, visando a prevenção, a serem desenvolvidas durante os primeiros meses letivos. O tema do projeto proposto declina sobre o combate à violência escolar, visando a prática de

relações saudáveis entre os envolvidos e os encontros se apresentam de maneira sistemática e contínua, da seguinte forma: um encontro com o corpo docente para direcionar a proposta e orientar os profissionais que trabalham com os alunos acerca do conhecimento do tema e ações preventivas neste sentido, um encontro envolvendo os pais dos alunos para inseri-los na proposta e para que possam acompanhar as ações a serem realizadas e um encontro ao final do projeto, a fim de que recebam o retorno do que fora trabalhado com os alunos e para que possam avaliar o projeto. Com o grupo de alunos estão previstos sete encontros de 90 minutos cada um a serem realizados semanalmente, no período de março e abril.

O objetivo geral do projeto é sensibilizar toda comunidade escolar para recuperar a auto-estima, o desenvolvimento psicossocial e a convivência harmônica no ambiente escolar e social dos envolvidos nos atos de violência física ou psicológica nesse contexto.

Apresenta-se, a seguir, uma proposta de prevenção ao *bullying* escolar a professores, pais e alunos.

2.1. Encontro com os professores e equipe diretiva

Primeiro encontro envolvendo a equipe diretiva e corpo docente: Início do ano letivo, em reunião geral de professores.

Objetivos: Apresentar a proposta do projeto *antibullying*: “Relações saudáveis no ambiente escolar: escola sem *bullying*”, com orientações aos profissionais acerca do comportamento das vítimas, agressores e espectadores do *bullying*, promovendo a conscientização da importância de relacionamentos saudáveis no ambiente escolar e do respeito às diferenças.

Recurso: Apresentação de Power point (Anexo A)

A proposta direcionada aos profissionais da escola deve apresentar inicialmente, o conceito do termo *bullying* e suas variações, o perfil das vítimas, agressores e espectadores, as causas dessa prática e as conseqüências da violência para quem sofre e pratica. Através da apresentação de power point, conforme segue abaixo, o coordenador, no caso, a orientadora educacional, abordará a temática, orientando os presentes e esclarecendo-os acerca da temática.

A política *antibullying*, legitimada no Rio Grande do Sul, para todas as escolas, também deve ser divulgada ao grupo, uma vez que objetiva a redução da prática de violência dentro e fora das instituições de ensino. Neste sentido, também servirá para

orientar as vítimas e seus familiares, com apoio técnico e psicológico, de modo a garantir a recuperação da autoestima do agredido e minimizar os eventuais prejuízos em seu desempenho escolar. Assim, o passo seguinte é o de informar o projeto de políticas *antibullying*, explicitado na lei municipal nº 10.866 (Anexo B).

Após a apresentação da legislação *antibullying* a dinâmica é de orientá-los na condução do projeto para que sejam multiplicadores e incentivadores de práticas saudáveis no ambiente escolar, atentando para identificar alunos que praticam essa violência. Além disso, o encontro permite servir para que todos exponham suas dúvidas e questionamentos, bem como suas idéias a respeito do tema, a fim de organizarem atividades a serem trabalhadas junto às turmas.

2.2. Encontro com os pais

Primeiro encontro, envolvendo os pais dos alunos, em Reunião de Pais: No início do ano letivo.

Objetivos: Esclarecer os familiares sobre o projeto a ser desenvolvido com ênfase à saúde no ambiente escolar, cuja temática destaca as ações preventivas contra a violência e inseridas no projeto *antibullying*.

Recurso: Apresentação de Power point (Anexo A)

Os pais dos alunos são convidados a participar da Reunião de Pais, através de carta enviada, contendo o conteúdo da proposta que será desenvolvida, através dos objetivos e dos profissionais envolvidos.

Na ocasião da palestra, apresenta-se o mesmo grupo de slides (Anexo A) e oportuniza-se espaço para a troca de informações, bem como o esclarecimento de dúvidas, a fim de assegurar a participação de todos na proposta.

Após, orienta-se os pais para que fiquem atentos aos sinais de que seu filho(a) pode estar sendo vítima de *bullying*, se:

- Apresentar com frequência desculpas para faltas às aulas ou indisposições como dores de cabeça, de estômago, diarreias, vômitos antes de ir à escola;
- Pedir para mudar de sala ou de escola, sem apresentar motivos convincentes;
- Apresentar desmotivação com os estudos, queda no rendimento escolar e dificuldades de concentração e aprendizagem;
- Voltar da escola irritado ou triste, machucado, com as roupas ou materiais sujos ou danificados;

- Apresentar aspecto contrariado, deprimido, aflito ou ter medo de voltar sozinho da escola;
- Possuir dificuldades em relacionar-se com colegas ou em fazer amizades;
- Viver isolado em seu mundo e não querer contato com outras pessoas que não façam parte da sua família.

Por fim, informa-se que os alunos serão envolvidos no projeto, através de encontros sistemáticos durante os primeiros meses de aula, tendo em vista a promoção de ações que despertem a consciência crítica, a solidariedade, o convívio com as diferenças e reforçar a ética nas relações.

2.3. Encontros com os alunos

Primeiro encontro: Em sala de aula, com cada turma inserida no projeto.

Objetivos: Diagnosticar o nível de conhecimento e a relação dos jovens com o *bullying*. Monitorar, analisar e avaliar a evolução do problema no âmbito da escola. Identificar a frequência e caracterizar os tipos de *bullying* ocorridos.

Recursos:

- 1º momento: Neste primeiro momento, os alunos deverão responder às questões, organizadas na forma de frases para completar, de ordem mais genérica quanto ao tema do projeto *bullying*, a fim de se poder ter um panorama do nível de conhecimento acerca do tema. Estas mesmas questões deverão ser reaplicadas quando ao término do projeto, para verificar igualmente o aproveitamento e apropriação de conhecimentos sobre a temática desenvolvida nos encontros.

Questionário 01:

- a) Para você *bullying* é.....
- b) Os responsáveis para que o *bullying* ocorra são.....
- c) As atitudes de quem pratica o *bullying* podem ser.....
- d) As causas do *bullying* são.....
- e) As consequências do *bullying* podem ser.....
- f) As vítimas do *bullying* são alunos que.....
- g) Os alunos que praticam o *bullying* fazem.....
- h) O predomínio do *bullying* geralmente ocorre em pessoas do sexo.....
- i) As pessoas que são vítimas de *bullying* devem
- j) Algumas atitudes que pais e professores devem adotar para combater o *bullying* podem ser.....

- 2º momento: Aplicação de um questionário de pesquisa, conforme segue:

Questionário 02:

A partir do segundo momento, será realizado com cada turma um segundo questionário (Anexo C), com a participação de todos os envolvidos, para ser respondido de forma anônima, antes de qualquer informação sobre o projeto. No momento da aplicação do instrumento, os alunos receberão uma carta, explicando o objetivo da proposta e fornecendo algumas orientações sobre a metodologia utilizada. É de fundamental importância que inicialmente os alunos não recebam qualquer tipo de orientação sobre o projeto para que possam responder de forma imparcial, sem sofrer a influência de qualquer colega ou já estar informado sobre a terminologia e o seu significado.

Os resultados dessa aplicação irão determinar a prevalência, incidência e consequências do *bullying* na escola, no grupo em foco. Os dados da coleta de informações caracterizarão a percepção espontânea dos alunos sobre a existência de *bullying* e seus sentimentos sobre o problema. Os resultados serão discutidos com cada grupo inserido na proposta, no próximo encontro, levando-se em conta, de forma a preservar a todos, o índice de alunos vitimados, agressores e espectadores envolvidos de forma direta ou indireta em ações de *bullying*.

Segundo encontro:

Objetivos: Esclarecer sobre a origem do termo *bullying*, suas causas e consequências, vítimas, agressores e espectadores. Oportunizar a troca de informações e verificar sobre possíveis alunos envolvidos, de forma direta ou indireta nessas práticas. Discutir os resultados da pesquisa com o grupo.

Recursos: Apresentação de vídeo para reflexão

Para inseri-los ainda mais na proposta, informá-los que o primeiro a relacionar a palavra ao fenômeno foi Dan Olweus, um professor da Universidade da Noruega, de que, ao pesquisar as tendências suicidas entre adolescentes, Olweus descobriu que a maioria desses jovens tinha sofrido algum tipo de ameaça e que, portanto, *bullying* era um mal a combater. Como é um assunto estudado há pouco tempo, pois as primeiras pesquisas são da década de 1990 (ABRÁPIA, 2005), cada país tem de encontrar uma palavra que tenha esse significado tão amplo para o termo: *bullying*. Informá-los, ainda, que sua prática não será tolerada e incentivá-los a comunicar os casos à direção e professores.

Esclarecer também que o *bullying* é um conjunto de comportamentos agressivos, intencionais e repetitivos que são adotados por um ou mais alunos contra outros colegas, sem motivação evidente. Em princípio pode parecer uma brincadeira simples, mas não deve ser visto dessa forma. Ir discutindo e informando que a agressão moral, verbal e até corporal sofrida pelos alunos provoca dor, angústia e sofrimento na vítima da “brincadeira”, podendo em alguns casos causar até depressão.

Informar sobre as principais formas de maus-tratos, que são:

- Físico (bater, chutar, beliscar)
- Verbal (apelidar, xingar, zoar)
- Moral (difamar, caluniar, discriminar)
- Sexual (abusar, assediar, insinuar)
- Psicológico (intimidar, ameaçar, perseguir)
- Material (furtar, roubar, destroçar pertences)
- Virtual (zoar, discriminar, difamar por meio da internet e celular)

Assim, oportunizar um diálogo para que o grupo possa, com base nesse referencial, posicionar-se criticamente, diante de situações vividas ou presenciadas, tendo em vista a reflexão sobre a proposta do projeto que discorre sobre a prevenção.

Após a introdução do assunto, apresenta-se um vídeo para possibilitar a escuta e a abertura ao diálogo sobre as questões que envolvem o *bullying* e refletir sobre os efeitos nas vítimas que sofreram direta ou indiretamente sua influência. Discutir os resultados da pesquisa, relacionando à discussão do tema, enfatizando a importância de que o *bullying* é considerado crime, com implicações e penalidades a quem cometê-lo. Informar aos grupos que os demais encontros serão em forma de dinâmicas para que possam vivenciar ainda mais o tema e posicionar-se de forma a interagir criticamente, oferecendo atividades que trabalhem valores como tolerância, solidariedade, amizade, valorizando o respeito ao próximo e às diferenças.

Terceiro encontro:

Dinâmica: “Joga fora no lixo”

Objetivos: Perceber que a exclusão ou segregação repara apenas em um detalhe da pessoa e que todos nós somos muito mais do que mostramos. Esta parte oculta é a que se joga no lixo em detrimento de uma diferença que fica à mostra.

Tempo: 40min

Materiais: Folha de ofício e lápis

Desenvolvimento:

- a) Distribuir uma folha de ofício e um lápis a cada participante.
- b) Pedir que cada um escreva, sem se identificar, as suas qualidades e sonhos. Incentivar a fazerem uma auto-avaliação e listarem o mais que puderem seu lado positivo, esquecendo-se do que os outros possam ter dito de negativo a seu respeito.
- c) Colocar no papel o que há de melhor dentro de si. Depois dobrar e entregar ao orientador.
- d) Este recolhe todos os papéis e bruscamente diz que mudou de idéia e que não vai mais continuar a dinâmica e sim fazer outra. E dizendo isso, joga num cesto de lixo, sem ler, todos os papéis. Aguarda a reação dos participantes, fingindo que está distraído preparando algo novo. Caso ninguém venha a reclamar, pergunta se há algum problema em interromper a atividade ou se alguém ficou incomodado em ver seus sonhos e qualidades jogados no lixo.
- e) Quando os participantes reclamarem, o orientador diz que não está mais interessado nisso, que são apenas papéis e anima o grupo: Vamos fazer outra dinâmica?

Reflexão: Analisar a reação do grupo e discutir:

- a) Qual o problema em jogar fora os papéis com seus sonhos e qualidades, se eles ainda estão dentro deles? De fato não estão no lixo e nem foram retirados deles.
- b) Finalizar retirando do lixo todos os sonhos e qualidades que foram desprezados, distribuir aleatoriamente os papéis entre eles, que deverão ser lidos.
- c) Analisar o conteúdo de cada um.
- d) A dinâmica visa mostrar a violência cometida ao se rotular, segregar ou excluir alguém, pois muitas vezes o melhor dela está oculto, e pode frutificar se tivermos um novo olhar sobre a pessoa, valorizando o ser por inteiro e suas diferenças.

Quarto encontro:

Dinâmica: Criação de esquetes: “quando somos iguais e quando somos diferentes”

Objetivos: Perceber que todos passamos por situações ou momentos que nos diferenciam e em outros mostrar que somos exatamente iguais a todos.

Tempo: 60 minutos

Desenvolvimento: Dividir os participantes em pequenos grupos e solicitar que discutam situações vividas ou presenciadas por cada um deles onde:

- a) sentia-se diferente dos demais, mas algo aconteceu que o igualou ao grupo;
- b) sentia-se integrado ao grupo e igual aos demais, mas algo aconteceu que o diferenciou.
- c) O orientador deve dar para cada grupo um tipo diferente de discussão (a ou b). Depois o grupo deve eleger a situação mais interessante, a que demonstra melhor a proposta de igualar ou diferenciar e dramatizá-la num esquete, mostrando ao grande grupo.
- d) Após todas as apresentações fazer um debate, considerando os seguintes pontos:
 - Todos passamos por situações que nos igualam ou diferenciam dos demais, algumas são dramáticas, vexatórias ou cômicas. Portanto, todos temos momentos de diferenças e de igualdades que podem trazer sofrimento ou não.

Quinto encontro:

Dinâmica: “Cooperação e sobrevivência”

Objetivo: Unir diferenças para sobreviver. Respeitar as limitações ou dificuldades de cada um.

Tempo: 30 minutos

Materiais: Papéis, colas, tesoura, clipes, barbante, fita adesiva, lápis, canetas, borrachas e quaisquer outros objetos sem utilidade, com o intuito de confundir. Vendas para os olhos e amarras para as mãos. Jarra com água.

Desenvolvimento:

- a) Formar duplas, em que um será cego (venda nos olhos) e o outro será sem mãos (mãos amarradas atrás do corpo)
- b) Quando os participantes com os olhos vendados estiverem prontos, sem que eles vejam, colocar no meio da sala uma mesa com os diversos materiais sobre a mesma.
- c) Propor às duplas que confeccionem um reservatório para guardar água, pois estão no meio do deserto e vai chover no tempo de quatro minutos. Este é o tempo que eles têm para construir o recipiente onde deverão guardar água para que haja sobrevivência da dupla. As duplas que conseguirem estarão salvas.
- d) As duplas aproximam-se da mesa. Os alunos com os olhos vendados construirão seus recipientes com suas mãos, utilizando as dicas do que está com as mãos

amarradas, que dirá ao outro (em voz baixa, para não dar dicas às duplas vizinhas) a localização e o tipo do material necessário à construção do reservatório de água. Às vezes o material necessário estará em uso com outra dupla e o aluno com as mãos atadas deverá dar todas as dicas para o aluno que estiver com os olhos vendados chegar até esse material.

- e) Terminados os quatro minutos o orientador dá ordem de parar. Tiram-se as vendas e verifica-se quem conseguiu sobreviver.
- f) Debater as dificuldades e sucessos do trabalho.
- g) Informação adicional: O material necessário para fazer o recipiente sem vazamento é apenas uma folha de papel, enrolando e formando um com. Todos os materiais colocados à disposição sobre a mesa são apenas para confundir as duplas e fazê-los usar a imaginação e a concordância deles num momento de fragilidade mútua.
- h) Após a dinâmica sentar em círculo e debater questões sobre fraternidade, união e de como as diferenças entre as pessoas podem somar para o bem de todos ao invés de dividir.

Sexto encontro:

Objetivos: Criar regras de disciplina para o grupo. Buscar soluções capazes de modificar o comportamento e o ambiente.

Tempo: 60 minutos.

Materiais: Papel pardo ou cartolina, pincel atômico, hidrocor

Desenvolvimento:

- a) Neste encontro, os alunos distribuídos em grupos de cinco integrantes, deverão escolher um colega que será o coordenador e um para ser o relator.
- b) Cada grupo deverá listar, pelo menos 10 regras de convivência para a turma, que estejam coerentes com as normas ou filosofia da instituição. Ao relator caberá o apontamento ou descrição destas regras, que devem ser em comum acordo com o grupo. Ao coordenador caberá fazer com que todo o grupo participe, sem envolver-se diretamente nas sugestões citadas.
- c) Após o término da tarefa pelos grupos, os coordenadores, recolhem de cada grupo as listagens das regras e reúnem-se para organizar um único instrumento, selecionando as 10 regras que estejam mais em conformidade

com a necessidade do grupo, tendo o cuidado de envolver todos os grupos e de não repetir informações já contidas.

- d) Os coordenadores informam aos grupos as regras elencadas, escritas em papel pardo ou cartolina, abrindo um espaço para a votação das mesmas. Após acordado pelo grande grupo, cada coordenador volta a seu grupo de origem para a confecção de cartazes sobre as regras organizadas pelos grupos. As regras serão distribuídas aos grupos, pelo orientador, para que todos possam confeccionar os cartazes envolvendo todas as regras criadas por eles. Esses cartazes deverão permanecer afixados na sala de aula, para o conhecimento e cumprimento de todos durante as aulas.
- e) Após o trabalho, conversar com a turma, discutindo a necessidade do cumprimento das regras criadas por eles, refletindo com eles como deveria ser uma escola onde todos se sentissem felizes, seguros e respeitados, e contextualizando para a sala de aula, que é um espaço onde tudo pode começar, se cada turma fizer a sua parte, no cumprimento dessas regras.

Sétimo encontro:

Objetivos: Transformar os jovens em multiplicadores do projeto e politizá-los para ações em prol da saúde no ambiente escolar. Avaliar a aplicação e o nível de compreensão e envolvimento dos alunos no projeto.

Tempo: 40 min

Materiais: Cartolinas ou papel cartaz, lápis de cor, revistas, cola, hidrocor

Desenvolvimento: Uma vez que os alunos já criaram as regras que nortearão as ações do grupo em sala de aula, divididos em pequenos grupos, deverão:

- a) Desenvolver uma produção textual sobre o combate ao *bullying* no ambiente escolar, utilizando frases adequadas e coerentes a partir das vivências e discussões sobre o tema;
- b) As frases, antes de transcritas para os cartazes, deverão passar pela análise do orientador, para as correções da ortografia e inadequações gramaticais;
- c) Após a realização da tarefa, um representante de cada grupo apresenta a todos a produção, socializando as criações que serão afixadas nas áreas de circulação da escola, realizando assim uma campanha publicitária do assunto para os demais alunos da escola.

- d) Ao término da atividade, refletir com os alunos sobre a contribuição de cada um para a criação das produções textuais, como sentiram-se diante da oportunidade de socializar com os demais alunos da escola, contribuindo para minimizar ou erradicar a violência no ambiente escolar. Aproveitar o momento para que cada um possa avaliar os encontros e permitir o espaço para as críticas e sugestões com relação a proposta apresentada.

Capítulo III

Avaliação

Ao final dos encontros, reaplicar o questionário de pesquisa (questionário 01), a fim de coletar dados para a avaliação do projeto, de sua abrangência e dos resultados atingidos com os grupos. Entretanto, a reaplicação do questionário de avaliação, após determinado período ou ao final dos encontros com os alunos, pode ser válida, ainda que seja difícil de mensurar os benefícios do projeto, uma vez que havendo a conscientização pelos alunos acerca do *bullying*, sua percepção mudará, não sendo, portanto, a simples comparação dos dados, possível de determinar o sucesso da proposta. Nesse sentido, avaliações das estratégias e novas ações a serem implantadas, no decorrer do ano letivo, devem ser objetivo de reuniões sistemáticas do grupo de trabalho.

Capítulo IV

Considerações finais

Ao propor esta temática do *bullying* no ambiente escolar, levei em conta a necessidade e urgência de contextos de discussão no universo adolescente, enfatizando a cultura da paz, através de atitudes de respeito e tolerância para uma problemática crescente que é a violência escolar. A valorização da troca de informações oportuniza uma visão solidária das relações humanas a partir dos encontros desenvolvidos em sala de aula, por meio das atividades com os grupos inseridos no projeto.

Acredito ser possível encontrar caminhos para ressignificar as relações humanas, tanto no cotidiano escolar quanto na vida em sociedade, e foi o que pretendi através desta proposta.

(...)Quando os alunos mudam, não é porque adquiriram um conhecimento intelectual sobre o respeito, mas sim porque descobriram sozinhos quais são suas preferências nos relacionamentos que têm uns com os outros. É muito mais convincente e significativo perceber as próprias preferências do que ser informado sobre quais deveriam ser essas preferências (Beadoin & Taylor, 2006, p.182).

Dessa maneira, devemos refletir sobre o nosso papel enquanto educadores, nossas práticas, a relação que estabelecemos com nossos alunos e o compromisso que temos com a educação, para que possamos tomar a iniciativa de interferir no momento adequado e de forma adequada, facilitando as aprendizagens, num ambiente onde haja respeito mútuo, solidariedade e cooperação.

Defendo que o papel da escola não é tão somente o de “ensinar”, conforme a concepção equivocada que ainda vigora na sociedade atual, mas sim o de criar situações de aprendizagens que promovam o desenvolvimento individual e coletivo dos educandos, no e para o exercício da cidadania plena. Para isso, saber conviver, na escola e fora dela, é fator fundamental para sermos cidadãos, numa sociedade que se pretende justa e democrática.

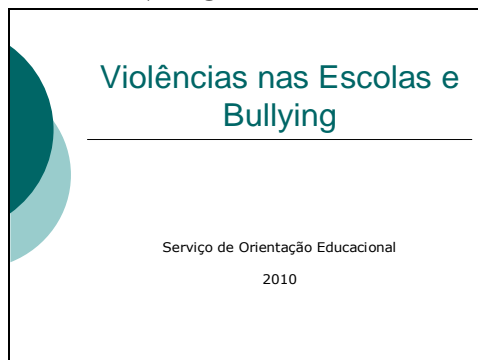
Referências

- Abramovay, Miriam (Coord.) (2004). *Escolas Inovadoras: Experiências bem-sucedidas em escolas públicas*. Brasília: UNESCO, Ministério da Educação.
- Abrapia- Associação Brasileira de Proteção à Infância e à Adolescência (2005). *Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes*. Disponível em: www.bullying.com.br. (Acessado em 20/06/2010)
- Barros, A. (2008). *Bullying: é preciso levar a sério o primeiro sinal*. Disponível em: <http://diariodeumaprofessorinha.blogspot.com>
- Beadoin, M.N. & Taylor, M. (2006). *Bullying e desrespeito: como acabar com essa cultura na escola*. Porto Alegre: Artes Médicas
- Cézar, N.; Neta, M. da A. P. B. (2008). *O Impacto do fenômeno bullying na vida e na aprendizagem de crianças e Adolescentes*. Cuiabá: Fapemat.
- Chalita, G. (2007). *Bullying, o crime do desamor*. Profissão Mestre, v.9, n.99, p.27-37. Disponível em [HTTP://www.construirnoticias.com.br/asp/mateira.asp?id=1308](http://www.construirnoticias.com.br/asp/mateira.asp?id=1308). (Acessado em 15/06/2010)
- Chalita, Gabriel (2008). *Pedagogia da amizade – bullying: o sofrimento das vítimas e dos agressores*. São Paulo: Editora Gente.
- Colovini, C. E.; Costa, M.R.N. da (2006). *O fenômeno bullying na percepção dos professores*. Guaíba: Ulbra.
- Constantini, A. (2004). *Bullying: como combatê-lo? Prevenir e evitar a violência entre jovens*. São Paulo: Editora Itália Nova.
- Correio do Povo (2010), Ano 115 nº 274, de 01/07.
- Cury, A.J. (2003). *Pais brilhantes, professores fascinantes*. Rio de Janeiro: Sextante.
- D'Area- Tardelli, D.; Paula, F.V. de. (org). (2009). *Produção Científica da Área Escolar. Psicologia Escolar e Educacional*, 2- 343-346
- Diário Oficial de Porto Alegre (2010), disponível em: http://procempa.com.br/pmpa/prefpoa/dopa/usu_doc/maio2010_04maio10.pdf. (Acessado em 12/06/2010)

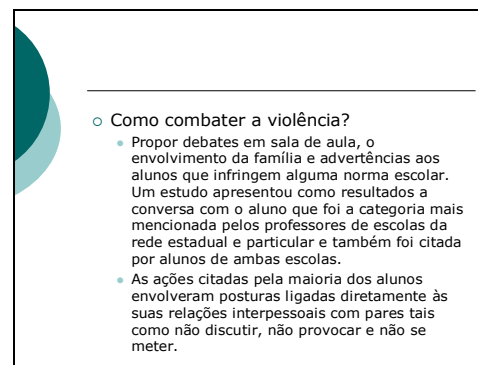
- Fante, C.A.Z.(2002). *O fenômeno bullying e as suas conseqüências psicológicas*.
- Fante, C.A.Z.(2005). *Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. Campinas, Ed. Versus, SP, 224 p.
- Felizardo, M. (2007) *O fenômeno bullying como causa dos massacres em escolas. Iniciativa por um Ambiente Escolar Justo e Solidário*. Disponível em: [HTTP://diganaoobullying.com.br/secao_dicas/artigos/artigo](http://diganaoobullying.com.br/secao_dicas/artigos/artigo). (Acessado em 15/05/2010)
- Freire, Paulo (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Lopes Neto, A.A.; Saavedra, L.H. (2003). *Diga não para o bullying*. Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes. Rio de Janeiro: ABRAPIA.
- Lopes Neto, A.A.(2005). *Bullying- comportamento agressivo entre estudantes*. *Jornal de Pediatria*, 81 (5 supl) – 164 – 172
- Lisboa, C.S.M. (2005). *Comportamento agressivo, vitimização e relações de amizade de crianças em idade escolar: fatores de risco e proteção*. Porto Alegre, RS. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 146p.
- Lisboa. C.S.M.; Braga, L.L.; Ebert, G.(2009). *O fenômeno bullying ou vitimização entre pares na atualidade*. *Contextos Clínicos*, 2 (1), 59-71
- Nova Escola (2010) – junho/julho, p. 68 a 71. Editora Abril
- Oliveira, Agnes Schutz de; Antonio, Priscila da Silva.(2006).*Sentimentos do adolescente relacionados ao fenômeno bullying: possibilidades para a assistência da enfermagem nesse contexto*. *Revista eletrônica de enfermagem*, v.08, n. 01, p.30-41. Disponível em: [HTTP/WWW.revistas.ufg.br/index.php/fen](http://www.revistas.ufg.br/index.php/fen). (Acessado em 12/05/2010)
- Silva, Ana Beatriz (2010). *Bullying: mentes perigosas nas escolas*. Rio de Janeiro:Objetiva
- Tiba, Içami (2002). *Quem ama educa*. São Paulo:Gente.
- [HTTP://www.youtube.com/results?search_query=o+que=%C3%Ag+bullying%2Fbullying+nas+escolas&aq=f](http://www.youtube.com/results?search_query=o+que=%C3%Ag+bullying%2Fbullying+nas+escolas&aq=f),

ANEXO A

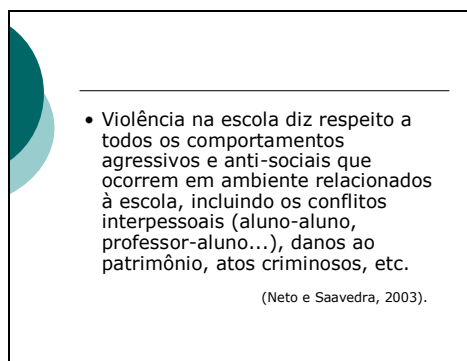
1)



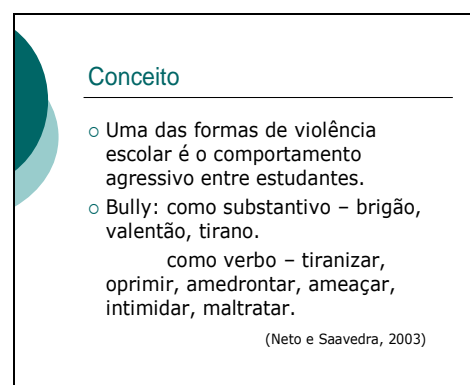
4)



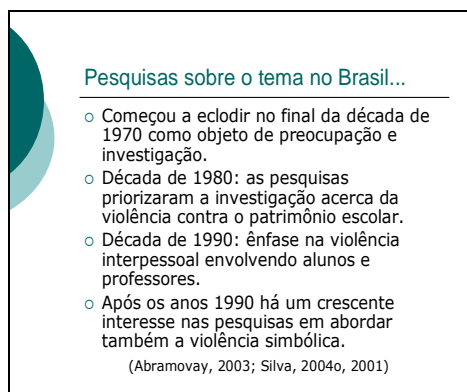
2)



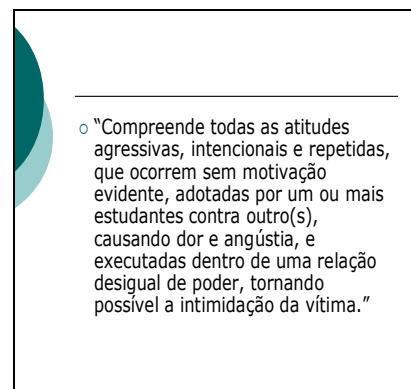
5)



3)



6)



7)

○ Histórico

- No início dos anos 70, na Noruega, Dan Olweus iniciava investigações na escola sobre o problema dos agressores e suas vítimas, embora não se verificasse um interesse das instituições sobre o assunto. Já na década de 80, três rapazes entre 10 e 14 anos, cometeram suicídio. Estes incidentes pareciam ter sido provocados por situações graves de BULLYING, despertando, então, a atenção das instituições de ensino para o problema.

(<http://www.bullying.com.br/BBibliograf23.htm>)

9)

○ Papéis:

- **alvos** de Bullying - são os alunos que só sofrem BULLYING;
- **alvos/autores** de Bullying - são os alunos que ora sofrem, ora praticam BULLYING;
- **autores** de Bullying - são os alunos que só praticam BULLYING;
- **testemunhas** de Bullying - são os alunos que não sofrem nem praticam Bullying, mas convivem em um ambiente onde isso ocorre.

(<http://www.bullying.com.br/BConceituacao21.htm>)

8)

Algumas classificações utilizadas atualmente:

○ Tipos de comportamento:

- Ações diretas – físicas (bater, chutar, tomar pertences) e verbais (apelidos, insultos, atitudes preconceituosas).
- Ações indiretas ou emocionais – disseminação de histórias desagradáveis ou pressões sobre outros para que a pessoa seja discriminada e excluída de seu grupo social.

(Neto e Saavedra, 2003)

10)

Intervenções em situações de violência na escola

- Reconhecer que os autores também precisam ser atendidos,
- Parceria escola e família,
- Medidas sócio-educativas X Diálogo,
- Jogo/brincadeira X violência
- Ações preventivas com os grupos
- Campanha na escola envolvendo a todos

ANEXO B
Lei Municipal nº 10.866

Conheça o projeto *antibullying*

Art. 1º As Escolas Públicas Municipais, do ensino fundamental, desenvolverão política “antibullying”, nos termos desta Lei.

Art. 2º Para os efeitos desta Lei, considera-se “bullying” qualquer prática de violência física ou psicológica, intencional e repetitiva, entre pares, que ocorra sem motivação evidente, praticada por um indivíduo ou grupo de indivíduos, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidar, agredir fisicamente, isolar, humilhar, ou ambos, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas.

§ 1º Constituem práticas de “bullying”, sempre que repetidas:

- I – ameaças e agressões físicas como bater, socar, chutar, agarrar, empurrar;
- II – submissão do outro, pela força, à condição humilhante;
- III – furto, roubo, vandalismo e destruição proposital de bens alheios;
- IV – extorsão e obtenção forçada de favores sexuais;
- V – insultos ou atribuição de apelidos vergonhosos ou humilhantes;
- VI – comentários racistas, homofóbicos ou intolerantes quanto às diferenças econômico-sociais, físicas, culturais, políticas, morais, religiosas, entre outras;
- VII – exclusão ou isolamento proposital do outro, pela fofoca e disseminação de boatos ou de informações que deponham contra a honra e a boa imagem das pessoas; e
- VIII – envio de mensagens, fotos ou vídeos por meio de computador, celular ou assemelhado, bem como sua postagem em “blogs” ou “sites”, cujo conteúdo resulte em sofrimento psicológico a outrem.

§ 2º O descrito no inc. VIII do § 1º deste artigo também é conhecido como “cyberbullying”.

Art. 3º No âmbito de cada unidade escolar a que se refere esta Lei, a política “antibullying” terá como objetivos:

- I – reduzir a prática de violência dentro e fora das instituições de ensino de que trata esta Lei e melhorar o desempenho escolar;
- II – promover a cidadania, a capacidade empática e o respeito aos demais;
- III – disseminar conhecimento sobre o fenômeno “bullying” nos meio de comunicação e nas instituições de que trata esta Lei, entre os responsáveis legais pelas crianças e adolescentes nela matriculados;

IV – identificar concretamente, em cada escola de que trata esta Lei, a incidência e a natureza das práticas de “bullying”;

V – desenvolver planos para a prevenção e o combate às práticas de “bullying” nas instituições de que trata esta Lei;

VI – capacitar os docentes e as equipes pedagógicas para o diagnóstico do “bullying” e para o desenvolvimento de abordagens específicas de caráter preventivo;

VII – orientar as vítimas de “bullying” e seus familiares, oferecendo-lhes os necessários apoios técnico e psicológico, de modo a garantir a recuperação da autoestima das vítimas e a minimização dos eventuais prejuízos em seu desenvolvimento escolar;

VIII – orientar os agressores e seus familiares, a partir de levantamentos específicos, caso a caso, sobre os valores, as condições e as experiências prévias – dentro e fora das instituições de que trata esta Lei – correlacionadas à prática do “bullying”, de modo a conscientizá-los a respeito das consequências de seus atos e a garantir o compromisso dos agressores com um convívio respeitoso e solidário com seus pares;

IX – evitar tanto quanto possível a punição dos agressores, privilegiando mecanismos alternativos como, por exemplo, os “círculos restaurativos”, a fim de promover sua efetiva responsabilização e mudança de comportamento;

X – envolver as famílias no processo de percepção, acompanhamento e formulação de soluções concretas; e

XI – incluir no regimento a política “antibullying” adequada ao âmbito de cada unidade escolar.

Art. 4º As instituições a que se refere esta Lei manterão histórico próprio das ocorrências de “bullying” em suas dependências, devidamente atualizado.

Parágrafo único. As ocorrências registradas deverão ser descritas em relatórios detalhados, contendo as providências tomadas em cada caso e os resultados alcançados, que deverão ser enviados periodicamente à Secretaria Municipal de Educação.

Art. 5º Para fins de incentivo à política “antibullying”, o Executivo Municipal:

I – promoverá seminários, palestras, debates;

II – distribuirá cartilhas de orientação aos pais, alunos e professores;

III – recorrerá à contribuição de especialistas no tema;

IV – apoiar-se-á nas evidências científicas disponíveis na literatura especializada e nas experiências exitosas desenvolvidas em outros países.

Art. 6º As despesas decorrentes da execução desta Lei correrão por conta de dotações orçamentárias próprias, suplementadas se necessário.

Art. 7º Na regulamentação desta Lei, serão estabelecidas as ações a serem desenvolvidas e os prazos a serem observados para a execução da política “*antibullying*”.

ANEXO C

Questionário de Pesquisa

Caro aluno,

Estamos realizando uma pesquisa de forma anônima, para que possas sentir-se à vontade para respondê-la. Sua sinceridade muito será satisfatória para garantir legitimidade no alcance de nossos objetivos que visa atender, se não as suas necessidades, as de outras pessoas que possam estar passando por algum tipo de constrangimento.

Quando da análise e tabulação dos dados, após respondido o questionário, receberás um retorno no grande grupo e que servirá de referencial para todo o desenvolvimento do projeto.

Esperando contar com sua colaboração, agradecemos.

Serviço de Orientação Educacional

O questionário contém as seguintes perguntas:

a) Você já sofreu algum tipo de intimidação, agressão ou assédio?

b) Qual a idade que tinhas quando isso aconteceu?

- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> menos de 5 anos | <input type="checkbox"/> De 5 a 11 anos |
| <input type="checkbox"/> de 11 a 14 anos | <input type="checkbox"/> mais de 14 anos |

c) Quando foi a última vez que sofreu algum tipo de intimidação ou assédio?

- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> hoje | <input type="checkbox"/> nos últimos 30 dias |
| <input type="checkbox"/> nos últimos 30 dias | <input type="checkbox"/> há um ano ou mais |

d) Quantas vezes já sofreu intimidação, agressão ou assédio?

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> uma vez | <input type="checkbox"/> quase todos os dias |
| <input type="checkbox"/> diversas vezes | <input type="checkbox"/> várias vezes ao dia |

e) Onde isso aconteceu?

- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> indo ou vindo da escola | <input type="checkbox"/> na sala de aula |
| <input type="checkbox"/> no pátio da escola | <input type="checkbox"/> nos banheiros da escola |
| <input type="checkbox"/> em outro local | |

f) Como você se sentiu quando isso aconteceu?

- Não me incomodou fiquei com medo
 Me senti assustado me senti mal
 não queria ir para a escola

g) Quais foram as conseqüências da intimidação, agressão ou assédio sofrido por você?

- Não teve conseqüências Conseqüências terríveis
 Algumas conseqüências ruins Fez você mudar de escola

h) O que você pensa sobre quem pratica intimidação, agressão ou assédio?

- não penso nada não gosto deles
 sinto pena deles gosto deles

i) Na sua opinião, de quem é a culpa se a intimidação, agressão ou assédio continuam acontecendo?

- de quem agride da direção da escola
 dos pais dele de quem é agredido
 dos professores dos outros que só assistem e não fazem nada

j) Identifique se você é do gênero masculino ou feminino:

- masculino feminino

k) Quem intimidou, agrediu ou assediou você é:

- menino menina

l) Que tipo de intimidação, agressão ou assédio você sofreu?

- física verbal
 sexual emocional
 racista

m) O que poderia ser feito para resolver esse problema?

n) Você intimidou, agrediu ou assediou alguém?

- sim não